

Leituras do passado para a infância brasileira: cultura histórica em *Através do Brasil*

Rômulo Rafael Ribeiro Paura*

A proposta do presente trabalho é fazer uma análise do livro de leitura *Através do Brasil*: prática da língua portuguesa: narrativa, de autoria de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, tendo como ênfase a relação que os autores estabelecem com o passado brasileiro. Esse livro é destinado ao curso médio das escolas primárias do Brasil e teve sua primeira edição publicada pela editora Francisco Alves em 1910.¹ Sua história narra a trajetória fictícia de dois irmãos que fazem uma viagem pelo país passando por diferentes paisagens e conhecendo “os costumes mais distintivos da vida brasileira”.

Antes de começar a ficção propriamente dita, destinada às crianças, os autores escrevem uma breve introdução com o título “Advertência e explicação”. Essa parte do livro é destinada, especialmente, aos professores que teriam um papel específico no processo de leitura e de aprendizagem da criança, auxiliando na própria leitura do livro. A proposta dos autores nessa introdução é apresentar como funciona e como deve ser utilizado o livro de leitura. Tal explicação é rica de indícios sobre o que os autores esperavam de sua obra, os motivos pelos quais escreveram e qual a concepção de infância que eles estão construindo. Afirmando estar seguindo as indicações pedagógicas aconselhadas naquele momento, os autores defendem que o livro de leitura deve ser o único livro destinado às classes desse curso, isso não quer dizer que ele incluía todas as noções e conhecimentos que a criança deve adquirir. (BILAC e BOMFIM, 2000: 43) Portanto, o livro de leitura deveria conter “noções de geografia e história, cálculo, sistemas dos pesos e medidas, lições de coisas – isto é: elementos e ciências físicas e naturais, preceitos de higiene e instrução cívica.” (Idem.: 44)

O elemento a ser investigado nesse trabalho são as noções de história com as quais o livro trabalha. Importante destacar que na mesma “Advertência e explicação” os autores dão um lugar específico para o professor na leitura do livro pelo aluno. Ele seria a enciclopédia do aluno, ele é quem ensina e deve levar a criança a aprender por si mesma. O livro ofereceria os motivos, oportunidades, conveniências e assuntos para os professores possam dar as lições. Ou seja, no desenrolar da narrativa há oportunidades para o professor tratar dos mais variados assuntos entre eles a história do Brasil. O objetivo do presente trabalho é mapear em *Através do Brasil* as lições de história que poderiam ser trabalhadas. Identificar a relação que o livro,

* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura da PUC-Rio, bolsista CAPES.

¹ Utilizo a edição de 2000 publicada pela Companhia das Letras.

ao se propor apresentar o Brasil às crianças, estabelece com o passado brasileiro e a concepção de tempo utilizada pelos autores.

Para auxiliar na análise da relação que se estabelece com o passado utilizo a categoria de cultura histórica que, em linhas gerais, pode ser definida como o modo concreto e peculiar que uma sociedade se relaciona com o passado. Tal categoria questiona sobre a elaboração social de uma experiência histórica e sua reflexão sobre a vida da comunidade. Para se aproximar do passado é preciso representá-lo, fazê-lo presente através de uma elaboração sintética e criativa. A cultura histórica se constituiu da relação estabelecida com o passado que vai muito além do que é produzido pela historiografia, ela abarca uma produção diversa e ampla como romances históricos, livros didáticos, filmes históricos, museus, políticas públicas voltadas para a cultura etc.²

Ao estabelecer relações com o passado os autores de Através do Brasil não tinham pretensão de escrever uma história do Brasil, entretanto, ao tratar do passado estão operando dentro de uma cultura histórica específica. Consequentemente, essa obra pode nos dar pistas de certa cultura histórica do período. Não procuro entendê-la como um todo ou uma unidade, mas como uma construção elaborada por esses autores a partir de ferramentas disponíveis no período e compartilhada com demais homens de sua época. Para melhor ler e entender essas pistas é preciso levar em consideração as condições de produção dessa obra.

Na virada do século XIX para o XX, o Brasil passava por grandes transformações sociais. Abolida a escravidão e proclamada a República, os intelectuais passaram a enfrentar novamente e de outras formas o tema da identidade nacional, na tentativa de definição do que era particular aos brasileiros e ao Brasil. Em vista de tal desafio, muitos intelectuais buscaram - através de romances, ensaios, estudo da história e produção de livros didáticos e de leitura - redefinir e caracterizar a nação, repensando o sentido da nacionalidade em um país que mudava seus rumos.

A educação aparece nesse contexto como uma das grandes bandeiras que empolgou intelectuais e os levou a se envolverem em questões educacionais ocupando cargos públicos

² Sobre cultura histórica me baseio nas seguintes referências: LE GOFF, Jacques. "História". In, *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1 Memória – História. MARCOS, Sánchez Fernando. "O que é cultura histórica?" In, www.culturahistorica.es. RÜSEN, Jörn. "Qué es la cultura historica?: Reflexiones sobre una nueva manera de abordar la historia." In, www.culturahistorica.es.

na área de educação, seguindo na carreira docente ou ainda produzindo livros didáticos e de leitura para serem utilizados nas escolas. Essas atividades teriam colocado tais intelectuais num plano de militância ativa em torno dos problemas que afligiam sua época. Eles viam na educação um poderoso instrumento de transformação social.³ (DANTAS, 2010: 96)

A crença na mudança da realidade social brasileira através da educação que mobilizou a escrita de livros didáticos, livros de leitura e uma vasta literatura para a infância envolveu intelectuais como: Silvio Romero, João Ribeiro, Olavo Bilac, Coelho Netto, Manoel Bomfim, Júlia Lopes de Almeida, Rocha Pombo, Afrânio Peixoto entre vários outros. Muitos desses intelectuais escreveram suas obras em parceria, como é o caso de *Através do Brasil*. Manoel Bomfim e Olavo Bilac eram autores que acreditavam na capacidade transformadora da educação. Dedicaram-se à educação motivados por um “otimismo pedagógico” e pela fé no poder do conhecimento e no engrandecimento moral do indivíduo pela educação. Somando-se a esse entusiasmo pela educação os autores foram motivados pelo patriotismo. (OLIVA e SANTOS, 2004: 104) Juntos publicaram, além de *Através do Brasil*, o *Livro de composição* (1899) e o *Livro de leitura* (1901), ambos voltados para o curso complementar das escolas primárias.

Olavo Bilac, destacado intelectual brasileiro da virada do século XIX para o XX, nasceu no Rio de Janeiro em 1865. Antes de completar vinte anos começa a colaborar com crônicas, poemas e folhetins no jornal *Gazeta de Notícias*, quando cursava a Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, curso que, assim como o da Faculdade de Direito de São Paulo, abandonou sem se diplomar. Em 1888 publica com grande sucesso o livro *Poesias*. Na década seguinte é que começa a participar de atividades mais voltadas para a educação: em 1898 assume interinamente a direção do *Pedagogium*, instituto de pesquisa pedagógica criado em 1890 e no ano seguinte é nomeado inspetor escolar do Distrito Federal. Em ambos os cargos trabalha junto com Manoel Bomfim. No ano de 1904 é nomeado professor de poesia do *Pedagogium*. No mesmo ano escreve outras obras voltadas para o público infantil, *Contos Pátrios*, em parceria com Coelho Netto, e *Poesias infantis*. Da Parceria com Coelho Netto

³ Carolina Viana Dantas discordando das teses que minimizavam a participação política desses intelectuais, por não apresentarem um projeto político formal, afirma que suas formas de ação pública e política eram feitas por outros meios tais como colaboração em periódicos, a expressão de ideias pelo humor, atuação em cargos públicos ou a escrita de manuais didáticos ou livros de leitura.

publica ainda mais duas obras voltadas para esse mesmo público, *Teatro infantil* (1905) e a *Pátria brasileira* (1909). No final de sua vida envolve-se em campanhas cívicas pela instrução primária e pelo serviço militar obrigatório. Participa da fundação da Liga da Defesa Nacional em 1917, instituição da qual se torna patrono no ano seguinte após seu falecimento. (LAJOLO, 2010: 33-35)

Manoel Bomfim, sergipano nascido em 1868, passa sua infância e parte de sua juventude no engenho da família localizado no povoado Quiçamã, até que em 1886 ingressa na Faculdade de Medicina da Bahia. Dois anos depois se transfere para o Rio de Janeiro onde conhece Olavo Bilac. Em 1896 assume o cargo de subdiretor do Pedagogium e dois anos depois abandona carreira de médico. No ano seguinte é nomeado diretor geral do mesmo instituto, onde funda periódicos como *Educação e Ensino* e *Revista Pedagógica*, ao mesmo tempo em que é professor de instrução moral e cívica na Escola Normal do Rio de Janeiro. Em 1898 é nomeado diretor da Instrução Pública da mesma cidade. Em 1902 viaja para Paris, onde estuda psicologia. Três anos depois publica sua importante obra *América Latina: males de origem* e funda junto com Luís Bartolomeu e Renato de Castro a revista voltada para o público infantil *O Tico-Tico*. Nas décadas de 10 e 20 publica diversas obras voltadas para a formação de professores, algumas delas são notas dos cursos que ministra na Escola Normal: *Lições de pedagogia: teoria e prática da educação* (1915); *Noções de psicologia escolar* (1916); *Primeiras saudades* (1920); *A cartilha, Lições e leituras, Crianças e homens, Livro dos mestres* (1922); *Pensar e dizer e Estudos do símbolo no pensamento e nas linguagem* (1923); *O método dos testes: com aplicação à linguagem do ensino primário* (1928). No final de sua vida produz obras voltadas para reflexão sobre a realidade social e histórica do Brasil: *O Brasil na América: caracterização da formação brasileira* (1929); *O Brasil na história: deturpação dos trabalhos, degradação política* (1930); *O Brasil nação. Realidade da soberania brasileira* (1931); e uma obra póstuma, *Cultura e educação do povo brasileiro* (1933). (Idem.: 37-40)

Esse breve resumo sobre a vida dos dois autores direcionam seu perfil para a produção e a preocupação de ambos em relação à educação. Olavo Bilac com uma produção mais literária voltada para a infância e Bomfim com uma mais técnica e formal em que se destacava a preocupação com a formação docente. Da junção desses dois perfis que vai se

construir a parceria para a produção de *Através do Brasil*, obra escrita num momento de maturidade de ambos os autores, quando já ocupavam cargos importantes na área de educação e já haviam publicado obras que os consagravam como intelectuais.

A motivação principal para os autores escreverem *Através do Brasil* teria sido a preocupação com a formação educacional da infância brasileira e a necessidade de instruí-la mediante lições de civismo e patriotismo. No entanto, essa infância não é abrangente, o público leitor do livro de leitura é um público específico. Voltando à introdução do livro, “Advertência e explicação”, os autores dão pistas sobre o público leitor: “Compusemos este livro de leitura para o curso médio das escolas primárias do Brasil, a fim de ser ele o único livro destinado a tal público;”. (BILAC e BOMFIM, 2010: 43) Portanto, a infância seria aquela que estivesse nas escolas e já tivesse passado pelos primeiros processos de alfabetização. Levando-se em consideração o alto índice de analfabetismo da sociedade brasileira do início do século XX, esse grupo já se torna bastante reduzido. Considerando-se alguns números aproximados, em 1907 havia cerca de 630 000 alunos matriculados no curso médio das escolas primárias.⁴

A “infância brasileira” que era o público alvo desses autores fazia parte também de um grupo social específico que melhor se identificaria com essa produção literária. Eram na sua maioria crianças do sexo masculino, brancas, alfabetizadas, entre 10 e 12 anos de idade e que vivia nos centros urbanos. O perfil desse público é mais bem definido na análise da própria obra e do conjunto de valores que garantem identificação com esse grupo. O que se pretende aqui é destacar essa infância da totalidade da população infantil do Brasil da Primeira República. Para tanto utilizo a infância como uma categoria excludente por delimitar um grupo não só através de elementos etários, mas também sociais e morais.⁵ (HANSEN, 2007: 39-49)

Através do Brasil tem sua primeira edição publicada pela editora Francisco Alves em 1910. Tal editora torna-se conhecida no período justamente por publicar obras voltadas para a

⁴ Dados são oferecidos por Marisa Lajolo, segundo ela são dados oferecidos pelo próprio Olavo Bilac numa conferência de 1907. LAJOLO, Marisa. “Introdução”. In, BILAC, Olavo. BOMFIM, Manuel. Op. Cit. p. 12.

⁵ Utilizo as reflexões de Patrícia Hansen para pensar esse grupo específico. A autora chega a mostrar em sua tese que a categoria infância utilizada para os leitores desse tipo de obra é distinta da utilizada pelo Instituto de Proteção e Assistência à Infância, essas eram derivadas de famílias pobres.

infância e para o uso na escola.⁶ (HALLEWELL, 1985: 203-212) A primeira edição teve quatro mil exemplares e apenas três anos foram necessários para uma nova impressão do mesmo tamanho. Para o mercado editorial da época, pode-se dizer que foi um sucesso. (LAJOLO, 1928: 12-13) Outros elementos que confirmam tal sucesso é a quantidade de edições, um total de 66 e o tempo pelo qual foi adotado pelas escolas, por mais de seis décadas.

A narrativa do livro é toda em terceira pessoa, boa parte das descrições de lugares, situações e sentimentos são feitas pelo narrador, outras vezes são elaboradas na fala dos personagens.

O livro possui mais de 300 páginas de narrativa divididos em 82 capítulos e dispõe de 68 ilustrações⁷ e como declaram os autores logo na introdução que o intuito é apresentar a realidade, eles escolhem ilustrar o livro somente com fotografias. As ilustrações são postas junto às narrativas, intercalando os relatos, são cenas ditas “reais” da vida brasileira. (BILAC e BOMFIM, 2010: 47) No final do livro há um espaço para o vocabulário. Os autores justificam na advertência, que apesar da preocupação em utilizar uma “linguagem natural que mais convêm à inteligência infantil”, é inevitável e necessário utilizar termos menos triviais para que a leitura sirva de aprendizado e a criança possa enriquecer seu vocabulário. (Idem.: 51-52)

A história narra a aventura vivenciada por dois irmãos, Carlos e Alfredo, um com quinze e outro com dez anos respectivamente. Eles são órfãos de mãe e o pai, engenheiro, teve que deixá-los sozinhos em Recife para trabalhar na construção de uma estrada de ferro no interior do estado. A história começa quando eles recebem um telegrama informando que o pai estava doente, a princípio não seria nada grave, mas os meninos decidem ir de encontro ao pai para não deixá-lo sozinho em situação tão delicada. É nesse momento que começa a aventura dos dois meninos através do Brasil. Eles saem do litoral para o interior em busca do pai e quando chegam ao local onde poderiam encontrá-lo descobrem que ele teria ido para outra cidade e estaria morto. Os meninos nem chegam a ver o corpo do pai. Passado algum

⁶ Apesar de um mercado ainda pequeno para tais gêneros a venda era mais estável que de obras literárias.

⁷ Entendo que as ilustrações são de extrema importância para a análise da obra, visto que, sem dúvidas elas são parte do texto. Pelos limites do presente trabalho não me ative à análise de tais imagens, mas não excluo sua importância no conjunto da obra.

tempo Carlos começa a duvidar que ele tenha realmente morrido. Esse artifício serve para tentar prender a atenção do leitor, deixando um mistério no ar: o pai teria ou não falecido? Os meninos voltam para o litoral, dessa vez para Bahia e fazem uma viagem até o Rio Grande do Sul para encontrar com alguns parentes. Nessa viagem eles passam por cidades como Rio de Janeiro e São Paulo. Assim a trajetória dos irmãos pode ser dividida em dois momentos: o primeiro é a jornada do litoral para o interior e retorno ao litoral e o segundo seria a viagem em direção à região sul do Brasil. Para desbravar a região norte do Brasil a história se divide com a trajetória de Juvêncio, um menino de idade próxima à de Carlos, encontrado pelos irmãos na primeira parte da viagem e com quem passam a cativar uma grande amizade. Juvêncio, que vive uma realidade social diferente de Carlos e Alfredo, vai para Manaus em busca de trabalho.

Dentro dessa narrativa os autores cumprem a proposta inicial de começar a obra em um ritmo lento para cativar a alma do pequeno leitor, já que a primeira parte da viagem é quando a narrativa se prolonga mais, quando eles têm mais contato com os personagens e uma quantidade menor de informações sobre os lugares. No segundo momento, após o mistério da morte do pai ser colocado e a separação entre os irmãos e Juvêncio, a narrativa ganha um ritmo mais intenso, cada capítulo trata de um local por onde eles passam até chegarem ao sul. No encontro com os parentes a história chega ao seu final feliz e os meninos descobrem que o pai não estava morto. Além disso, este sabendo da ajuda que Juvêncio deu aos seus filhos na jornada, faz questão de trazer o menino junto com ele para o Rio Grande do Sul e todos se encontram.

Em meio a essa narrativa é que os autores aproveitam para inserir elementos que serviriam de aprendizado de diversas lições. O conteúdo de história é ensinado em sua maioria pelo irmão mais velho - Carlos - ou ocasionalmente por algum adulto. Importante destacar que a proposta dos autores não é se prolongar muito pelos conteúdos, assim, em alguns casos, são apresentados os temas e não há um grande desenvolvimento. Essa estratégia está dentro da proposta inicial que é criar condições para o professor, “a verdadeira enciclopédia do aluno”, possa tratar do assunto.⁸

⁸ Seria interessante pesquisas mais profunda para pensar a forma como os professores iriam abordar esses assuntos, mas pela falta de material e para as propostas do presente trabalho não foi possível realizar tal

Os temas da história do Brasil aparecem na seguinte ordem dentro da obra: descobrimento do Brasil; relação entre os indígenas e os primeiros brasileiros; a vida dos “selvagens”; capitanias hereditárias e povoamento da terra; Guerra do Paraguai; forma de governo: Monarquia e República; comemoração do Dois de Julho na Bahia, dia da Independência; fundação da cidade do Rio de Janeiro; Guerra dos Emboabas; o progresso das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo; e o legado dos bandeirantes paulistas.

Importante salientar que a nomeação que atribuo a esses temas não é necessariamente a mesma dada pelo livro, na verdade esses temas não estão nitidamente separados na obra, estão entrelaçados com a narrativa, mas pode-se percebê-los a partir de uma leitura cuidadosa. Essa classificação é arbitrária e feita apenas para melhor organizar os temas com o intuito de analisá-los no presente trabalho. Seria absurdo pensar que um professor do início do século XX fosse fazer essa mesma divisão.⁹ Essa ordenação dos temas é apenas uma possibilidade de trabalhar a história dentro da obra *Através do Brasil*.

Há duas observações imediatas a serem feitas observando essa divisão dos temas: primeiro é a despreensão dos autores em dar conta da história do Brasil de maneira total. Importante lembrar que não se trata de um livro com intenção de escrever a história do Brasil, os temas abordados são selecionados de forma bem restrita. Segundo, os temas não aparecem na obra numa cronologia linear, embora, como veremos mais adiante, há uma concepção de tempo linear na abordagem do passado.

Antes de prosseguir na análise desses temas separadamente é importante voltar à introdução feita por Bilac e Bomfim. Sobre as lições de história eles fazem a seguinte advertência:

É preciso principiar explicando de um modo sensível as condições do Brasil antes da colonização. Fala por exemplo o livro de “sertão bruto onde havia... índios...”. É um excelente pretexto para dizer quem são esses índios, que antigamente vivam sozinhos: os brancos e pretos vieram depois, e com eles veio a colonização. E então o professor apelará para a observação da criança, para que ela note a diferença entre o estado selvagem e a indústria, instituições, obras e costumes que distinguem a civilização; mostrará que essas instituições e indústrias faltam ainda em grande parte a algumas terras do interior, onde a civilização ainda não penetrou. Esta lição, desenvolvida de forma acessível à mentalidade do

pesquisa. A ideia aqui é perceber, a partir do texto de Olavo Bilac e Manoel Bomfim, os traços de uma cultura histórica na qual eles estariam envolvidos. A recepção de seus textos seria outro tipo de pesquisa.

⁹ Interessante ressaltar como que a proposta pedagógica de Bilac e Bomfim dava autonomia didática ao trabalho do professor.

aluno, e apelando sempre para o seu próprio raciocínio e para a sua própria observação, há de levá-lo facilmente a fazer uma ideia do que era o Brasil selvagem. (Idem.: 49)

Esse é um trecho chave para entender a compreensão de passado que está sendo construída pelos autores. Primeiro, a relação com o passado se dá pela diferença entre a civilização e a condição selvagem dos primeiros habitantes do Brasil. A proposta que é possível extrair daí é a construção de uma história que começa com a situação selvagem dos indígenas, passa pelas transformações construídas pelos brancos e negros e chegam às indústrias, costumes e instituições da civilização. As características da história que eles constroem é uma história linear e teleológica, tem um sentido claro: a construção da civilização. Essa seria mais próxima à realidade dos alunos, em contraste com a distância da selvageria dos índios. A ideia de que *ainda* há regiões onde não há indústrias e instituições “civilizadas” reforça o argumento de que a civilização é o caminho natural dessas regiões. Outro elemento importante é que há um descompasso nesse processo civilizador: ele não chega de forma igual a todas as regiões do país. Isso é ainda mais acentuado, quando na narrativa do livro os meninos chegam ao Rio de Janeiro e São Paulo. Segundo, a importância do conhecimento desse Brasil selvagem é o reconhecimento da diferença com a civilização e a valorização da segunda.

O primeiro tema que daria base para uma lição de história é a própria localização dos alunos quanto ao descobrimento do Brasil. Logo no início da viagem de trem rumo ao sertão, Alfredo – o irmão mais novo - ao visualizar um casarão antigo e questionar o irmão o que era e ter como resposta que era um engenho ele faz a seguinte dedução: “Esta casa deve ter mais de mil anos!” e imediatamente é corrigido pelo irmão, que lhe ensina ser impossível existir no Brasil algo tão antigo visto que o país fora descoberto há pouco mais de quatrocentos anos. Tal diálogo entre os irmãos ajudaria os alunos a localizar no tempo do descobrimento do Brasil, isso feito eles não cometeriam o mesmo erro que Alfredo.

Após o descobrimento seria colocada a lição sobre os primeiros habitantes do Brasil. Essa lição é motivada pela relação que os primeiros portugueses que chegaram ao Brasil tiveram com os indígenas. Ao começar o trajeto da viagem a cavalo, em direção ao estado de Alagoas, Carlos lembra seu irmão mais novo que esse estado fica na direção da Bahia, o estado cuja capital é a cidade mais antiga do Brasil, onde teria vivido o Caramuru. Ao contar essa história e em seguida a de João Ramalho na capitania de São Vicente os autores, pela fala de Carlos, contam alguns costumes indígenas. Um em especial impressiona Alfredo: o fato de eles comerem carne humana. Isso desperta no menino uma enorme curiosidade sobre a vida dos indígenas e os autores aproveitam para dedicar um capítulo inteiro à “vida dos selvagens” que é explicada pelo personagem do irmão mais velho.

Carlos ensina ao seu irmão, e através dele os leitores do livro, vários aspectos da vida dos indígenas no Brasil antes da chegada dos portugueses, ele trata dos seguintes elementos: alimentação, guerra, moradia, vestimentas, armas, utensílios domésticos e música. Destaco desses costumes o acentuado aspecto negativo das guerras que os autores constroem para a guerra dos indígenas. Para eles, os indígenas viveriam num constante estado de guerra e essas eram verdadeiras “guerras de extermínios”, é destacado o canibalismo, que teria impressionado enormemente Alfredo, que acha aquilo tudo uma “barbaridade” e questiona a seu irmão se ainda existiam índios no Brasil e recebe a seguinte resposta: “Há ainda alguns, no interior do Amazonas, do Pará, de Mato Grosso, de Goiás, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Maranhão, conservando sua vida independente e os seus costumes ferozes. Mas, perto das povoações, já todos eles se vão convertendo à vida civilizada...” (Idem.: 80) Ou seja, o que aparece nesse trecho é o reforço de uma concepção de história que caminha em direção à civilização. Repare que “há ainda” índios em condição “selvagem”, mas isso seria só questão de tempo até a civilização chegar mais próximo deles.

A lição seguinte a ser retirada da narrativa seria as capitanias hereditárias. A motivação para falar desse tema vem da curiosidade de Alfredo sobre as fronteiras entre Alagoas e Pernambuco, ao atravessarem de trem um rio que fazia essa divisa. Carlos explica que essas fronteiras foram demarcadas pelo rei de Portugal com a intenção de povoar o Brasil e afastar a presença francesa, “resolveu ceder grandes porções do território a alguns favoritos, encarregados de povoá-las e administrá-las.” (Idem.: 102) A informações que o livro dá aos seus leitores é uma síntese do que eram as capitanias hereditárias, como foram feitas e porque foram usadas, aponta também os personagens envolvidos em tal acontecimento – rei de Portugal João III, seus favoritos e franceses. Além do rei, não há indicação de outros nomes. É relevante perceber também que não há qualquer indicação de data ou outro tipo de localização do período, como colônia etc. A única indicação temporal que há no texto é no começo da explicação de Carlos quando ele informa que as divisas entre os estados são antigas. Essa opção feita pelos autores é uma demonstração de como informações mais enciclopédicas poderiam tornar a narrativa enfadonha para a criança e, portanto, deveriam ser complementadas pelos professores. Importante notar, além disso, a lógica narrativa do texto, quem está ensinando é o irmão mais velho numa conversa informal com seu irmão mais novo durante a viagem, encher o diálogo com informações formais poderia torna-lo artificial.

Ao estabelecer a permanência das fronteiras das capitanias na divisão dos estados os autores estão construindo uma relação entre o passado – “divisas antigas” – e o presente – “ainda hoje”. Isso é importante para construir juntos aos seus leitores uma noção de temporalidade que marca permanências do passado no presente. A pesar de estarem vivenciando um momento diferente há

elementos desse passado que duram e mesmo sendo a divisa entre os estados um rio, não é uma divisa natural, pois foi estabelecida por homens de outrora. Isso também estabelece uma função para o passado: explicar o presente.

Outra lição importante que talvez não fosse exclusivamente de história, podendo ser também de civismo, é quando os irmãos e Juvêncio encontram uma casa abandonada e pensam na possibilidade de passar a noite nela. Desconfiados que o dono da casa pudesse aparecer eles ficam na dúvida se ficam na casa ou não. Juvêncio vai logo afirmando que não sairia da casa nem por ordens do rei. Essa afirmativa é aproveitada pelos autores para, através de Carlos, ensinar aos seus leitores que não é mais um rei quem dá as ordens no país, mas o presidente da República. Ensinar sobre a forma de governo era uma tarefa comum na educação cívica, no caso de *Através do Brasil* não há uma separação clara entre aprendizagem cívica e de história.¹⁰ Nos interessa ainda perceber que ao afirmar, através de Carlos, que não há mais um rei, mas um presidente da República, os autores estão construindo uma noção de temporalidade que privilegia a mudança das instituições políticas.

Após se envolverem em várias aventuras os meninos chegam à Bahia de onde fazem a viagem por mar até o Rio de Janeiro. A capital federal aparece no livro em quatro capítulos, os dois primeiros são descritos as grandezas naturais do Rio de Janeiro, o Gigante de Pedra, referência à topografia da cidade e a baía de Guanabara. Nos dois capítulos seguintes são narrados os passeios dos meninos pela cidade, vendo seus pontos interessantes e suas curiosidades. Nesses dois últimos capítulos não há qualquer tipo de diálogo entre os personagens, a descrição do passeio é toda feita em terceira pessoa. Durante esse passeio que dura três dias eles visitam o Jardim Botânico, o Corcovado, o Museu Nacional, passearam pela Tijuca, avenida Beira Mar, morro do Castelo – onde tem uma visão privilegiada da cidade -, avenida Central e rua do Ouvidor.

Esses passeios são ocasiões para aprender e ensinar mais algumas lições de história como as palmeiras do Jardim Botânico, plantadas durante a vinda de d. João VI ao Brasil. A subida ao morro do Castelo é a ocasião para recordar toda a história urbana da cidade, fundada por Mem de Sá em 1567. Com a visão privilegiada do alto do morro eles percebem não só o passado da cidade, mas também os seus progressos do presente: chaminés das fábricas, a multidão a formigar nas ruas e praças, os bondes, as carruagens e os automóveis. Ou seja, de um mesmo local, o morro do Castelo, é possível perceber dois momentos da cidade, o passado colonial e o presente repleto de progressos. Do morro do Castelo essas duas temporalidades estaria separadas, porém, ao descenderem o morro e se

¹⁰ Muitas das vezes conhecer a história pátria era um elemento central para a Educação Cívica.

depararem com duas ruas da cidade - Avenida Central e a Rua do Ouvidor – o passado e o presente se cruzam.

A Avenida Central é descrita pelo narrador como uma coisa ideal, uma fantasia, um sonho, dando destaque para a contemplação que os meninos fazem de suas luzes, palácios e belezas. Carlos chega a pensar no contraste entre o deslumbramento daquela cidade civilizada e os rudes sertões por onde tinham passado há tão pouco tempo. A avenida aparece no livro como o que há de mais civilizado na vida brasileira. Os meninos ficam surpresos ao saber a quantidade de prédios que haviam sido demolidos para se abrir essa avenida. Apesar da importância dada a Avenida Central, o ponto alto do último capítulo que trata do Rio de Janeiro é a rua do Ouvidor. Se na avenida os meninos ficaram imediatamente maravilhados, o medo vai ser a primeira impressão a respeito da rua do ouvidor. Eles ficam espantados com movimento da multidão de pessoas que tomavam a rua, no momento em que começam a se acostumar com tal movimento Alfredo se perde do irmão mais velho. Após alguns momentos de tensão ele é encontrado e termina tudo bem, ficando só o susto. O narrador no final diz que o ânimo que a rua deixou em Carlos é daqueles que nunca mais dissipam. A Rua do Ouvidor seria a junção de elementos modernos da cidade como a multidão e a elegância dos vestidos das mulheres com elementos antigos como a estreiteza da rua que dava a sensação de que a multidão iria esmagar quem tentasse atravessá-la. Medo e excitação são os sentimentos que a rua do ouvidor causou no ânimo de Carlos que dificilmente seria apagado.

Importante notar que o Rio de Janeiro aparece como numa cidade repleta de avanços materiais e tem na Avenida Central o ponto alto da civilização, porém, ela é permeada por um passado que se apresenta como distante, no momento da fundação da cidade ou do período em que foi Corte, essa distância pode ser uma escolha dos autores para marcar a diferença do progresso do presente em que a obra é escrita e assim poder acentuá-lo. Constroem uma diferença entre o passado e o presente, onde o progresso do presente e a ruptura com o passado confirmam uma temporalidade linear.

Se no Rio de Janeiro o progresso é marcado pela ruptura, em São Paulo ele possui duas causas: continuidade da tradição dos bandeirantes e contribuição dos imigrantes italianos. Logo no início do capítulo sobre São Paulo os meninos passam pelo bairro do “Brás”, habitado quase que exclusivamente por operários italianos. Esses imigrantes são colocados como pertencentes a uma boa raça que tem feito muito pelo progresso do estado. O segundo fator, a tradição bandeirante, é importante, pois gera uma ligação entre o passado e o presente progresso vivenciado no estado. Os bandeirantes teriam sido importantes para o progresso da civilização, pois fundaram várias cidades e se aventuraram pelo sertão bravo levando a civilização àquelas florestas virgens.

Antes de seguir para a conclusão é importante destacar um aspecto geral da obra *Através do Brasil*. Em toda a narrativa o leitor pode perceber que no primeiro plano da obra estão os aspectos geográficos, ficando a história em segundo plano. Pelo próprio título do livro é possível perceber que a proposta dos autores é fazer através de uma história ficcional uma viagem por várias regiões do Brasil, colocando a dimensão territorial no cerne da obra. A história assume um papel coadjuvante importante: estabelece relação do passado com presente dos locais que os meninos estão visitando. A motivação para contar história é sempre a partir do local onde os meninos estão. Algumas vezes a história explica a própria geografia, como foi no caso das fronteiras dos estados do nordeste.

Esse pode ser o primeiro aspecto importante a ser destacado nessa obra e vai influenciar diretamente a apropriação que eles fizeram do passado. Como foi colocado anteriormente, os acontecimentos na ordem que aparece no livro não segue sua ordem cronológica da história. Acredito que o aspecto geográfico servindo como motivação para falar do passado dificulta a possibilidade de fazer uma narrativa cronológica. Eles visitam diferentes momentos do passado na ordem que vai ocorrendo a viagem dos meninos.

Entretanto, isso não significa negar uma concepção linear do tempo. A própria ideia de progresso que aparece nas páginas finais do livro, quando são apresentados as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, cria uma concepção de linearidade onde os avanços apresentados distanciam o presente do passado, qualificando o presente como um momento superior ao passado pelos seus avanços técnicos como a luz, o automóvel, o bonde elétrico, a diferença que o jovem Carlos percebe entre o a cidade e o sertão bruto são indícios dessa valorização do presente. Já na advertência os autores dão esse indicativo ao orientarem os professores da necessidade de apresentar a situação selvagem vivida pelos indígenas, para que depois eles pudessem, a partir do contraste, perceber os avanços da civilização.

Em síntese, a relação que se estabelece com o passado em *Através do Brasil* podemos destacar as seguintes características: narrativa que não é cronológica, mas tem uma concepção de tempo linear; faz uma história dos progressos da civilização brasileira; a história é norteadas por elementos geográficos; embora sejam citados alguns personagens históricos, não é uma história centrada na figura desses personagens; são recuperados seletivamente poucos acontecimentos do passado, não tendo a pretensão de ser total; e por fim, é uma história que tem por objetivo conhecer aspectos da vida nacional. Acredito que esses aspectos podem subsidiar questões importantes para se pensar a cultura histórica desse período.

Referências bibliográficas:

Fontes:

BILAC, Olavo e BOMFIM, Manoel. *Através do Brasil: prática da língua portuguesa: narrativa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. [1910].

Bibliografia:

ALONSO, Angela. *Ideias em movimento: a geração de 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARROS, Roque Spencer M. de. *A ilustração brasileira e a ideia de universidade*. São Paulo: Convívio/ EDUSP, 1986.

BOTELHO, André. “Através do Brasil: um romance de formação da modernidade brasileira”. In, *Ciência e trópico*. Recife, vol. 26, nº1, 1998.

DANTAS, Carolina Vianna. *O Brasil café com leite: Mestiçagem e identidade nacional em periódicos, Rio de Janeiro, 1903-1914*. Rio de Janeiro: Edições Casa de Rui Barbosa, 2010.

GOTIJO, Rebeca. “Coração: um diário, vários tempos e algumas histórias.” In, MAGALHÃES, Marcelo de Souza; REZNIK, Luís e ROCHA, Helenice Aparecida Bastos (org.). *A história da escola: autores, livros e leituras*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009.

HANSEN, Patrícia Santos. *Brasil, um país novo: literatura cívico-pedagógica e a construção de um ideal de infância brasileira na Primeira República*. São Paulo: Tese de doutorado apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2007.

HALLEWELL, Lawrence. *O livro no Brasil: sua história*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

LAJOLO, Marisa. *Usos e abusos da literatura na escola: Bilac e a literatura escolar na República Velha*. Rio de Janeiro: Globo, 1982.

LE GOFF, Jacques. “História”. In, *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 1, Memória – História. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

OLIVA, Terezinha Alves. SANTOS, Claudefranklin Monteiro. “As multifaces de “Através do Brasil”. In, *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v. 24, nº48, 2004.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

RÜSEN, Jörn. “Que es la cultura histórica?: Reflexiones sobre uma nueva manera de abordar la história.” In, <http://www.culturahistorica.es/ruesen.castellano.html> (2009) [Original alemão em K. Füssmann, H.T. Grütter y J. Rüsen, eds. (1994). *Historische Faszination. Geschichtskultur heute*. Keulen, Weimar y Wenen: Böhlau, pp. 3-26].